

METODOLOGIA DA HISTÓRIA ORAL E SUA UTILIDADE NO ESTUDO DA IMIGRAÇÃO JAPONESA

ORAL HISTORY METHODOLOGY AND ITS USEFULNESS IN THE STUDY OF JAPANESE IMMIGRATION

Minoru Uchigasaki¹

RESUMO

O objetivo deste artigo é realizar um estudo sobre a história oral, discutindo a sua metodologia e levantando as potencialidades e limitações do emprego dela no estudo de imigração japonesa. Há relevância desta metodologia em estudos multidisciplinares, pois a história oral proporciona trabalhar com vários temas e objetos de estudos. A partir da abordagem da história oral pode-se estudar os processos migratórios. Portanto, o presente artigo procura enfatizar alguns pontos que envolvem questões teóricas e metodológicas da história oral e sua utilidade para estudos migratórios.

Palavras-chave: Metodologia da história oral; Imigração japonesa.

ABSTRACT

The purpose of this article is to conduct a study on the oral history, discussing its methodology and raising the potentialities and limitations of its employment in the study of Japanese immigration. There is relevance of this methodology in multidisciplinary studies, since the oral history provides to work with several subjects and objects of studies. From the approach of oral history one can study the migratory processes. Therefore, the present article seeks to emphasize some points that involve theoretical and methodological questions of oral history and its usefulness for migratory studies.

Keywords: Oral History Methodology; Japanese Immigration.

¹ Bacharel em Ciência Política pela Universidade de Brasília (UnB), Mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura da Amazônia (PPGSCA) da UFAM. E-mail: miuchigasaki@gmail.com

Introdução

Este artigo faz um estudo sobre a metodologia da história oral, discutindo o seu método e as potencialidades como sustentação do estudo sobre a imigração japonesa.

Nessa perspectiva, a história oral é a metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea nascida em meados do século XX, após a invenção do gravador (ALBERTI, 2011, p. 155). Ela possibilita o registro de testemunhos e o acesso a histórias dentro da história, ampliando as possibilidades de interpretação de acontecimentos, fatos e conjunturas do passado por meio de entrevistas gravadas.

Ter acesso às histórias dentro da história relaciona-se ao fato da história oral permitir o conhecimento de experiências e modos de vida de diferentes grupos sociais. Nesse sentido, o pesquisador acessa uma multiplicidade de histórias que, dependendo de seu alcance e dimensão, permitem até alterar a hierarquia de significações historiográficas.

Portanto, o trabalho com a “história oral pode mostrar como a constituição da memória é objeto de contínua negociação” (*Ibidem*, p. 167). Uma vez que a memória é essencial a um grupo porque está atrelada à construção da identidade. Tal processo é resultado do trabalho de organização e de seleção do que é importante para o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência, isto é, de identidade.

Método da História oral

Nesse caminho, como procedimento metodológico, a história oral pode registrar e, portanto, perpetuar impressões, vivências, lembranças daqueles indivíduos que se dispõem a compartilhar sua memória com a coletividade (experiências) e, dessa forma, permitir um conhecimento muito mais amplo, dinâmico e colorido de situações que, de outra forma, não conheceríamos. Assim, a história oral pode ser entendida como

(...) um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, etc. (ALBERTI, 1989, p. 52)

Uma das vantagens da história oral é que ela se beneficia de ferramentas teóricas de diferentes disciplinas das Ciências Humanas como a Antropologia, a História, a Sociologia.

Por se tratar de uma metodologia interdisciplinar, pode ser aplicada na área do estudo de migrações. Uma vez que nesse estudo se faz necessário o uso de tal abordagem, já que, de alguma forma, envolve o reconstruir da memória de um grupo social, em determinado lugar geográfico, onde há convivência e choque de culturas.

Além disso, a fonte oral pode acrescentar uma dimensão viva, trazendo novas perspectivas ao estudo da imigração, pois nele, muitas vezes, necessita de comprovações variadas, não apenas os escritos. Vale mostrar aqui a evolução de uma prática importante que compõe parte da historiografia contemporânea, de acordo com Alberti,

[...] a História oral apenas pode ser empregada em pesquisas sobre temas contemporâneos, ocorridos em um passado não muito remoto, isto é, que a memória dos seres humanos alcance, para que se possa entrevistar pessoas que dele participaram, seja como atores, seja como testemunhas. É claro que, com o passar do tempo, as entrevistas assim produzidas poderão servir de fontes de consulta para pesquisas sobre temas não contemporâneos. (ALBERTI, 1989, p. 4)

Alguns aspectos da vida social de uma época dão a esse período uma cadência, um ritmo de relações entre pessoas e grupos que constituam uma sociedade, um tempo psíquico, um tempo social. Sem o conhecimento desses tempos - só possível por meio do estudo histórico que não se contenta com os textos ou os manuscritos oficiais, guardados nos arquivos, não seria possível uma ampliação concisa dos estudos. Assim, é necessário ultrapassar os escritos oficiais, indo a outras fontes, acessando os próprios testemunhos vivos.

Em relação ao uso da oralidade como fonte e suas vantagens descritas por alguns historiadores, o historiador Paul Thompson enfatiza a importância da história oral nos seguintes termos:

[...] a História oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos. (THOMPSON, 1992, p. 17)

Quanto as críticas em relação ao uso de fontes orais, Alessandro Portelli argumenta que a fonte oral pode não ser um dado preciso, mas possui dados que, às vezes, um documento escrito não possui. Ela se impõe como primordial para compreensão e estudo do tempo presente, pois só através dela podemos conhecer os sonhos, anseios, crenças e lembranças

do passado de pessoas anônimas, simples, sem nenhum *status* político ou econômico, mas que viveram os acontecimentos de sua época (PORTELLI, 1998, p. 120). Ou seja, a fonte oral traz dados não contemplados no documento escrito.

Outro ponto que autor mencionado adverte é o cuidado do pesquisador em relação ao uso da fonte oral. Primeiramente, de forma minuciosa, deve submetê-la a uma reflexão crítica e metodológica. Também necessita possuir um amplo conhecimento das críticas e dos aspectos polêmicos que envolvem a fonte oral. Dessa forma, ao explicitar sua posição e opção metodológica na trajetória de pesquisa, possuirá suporte teórico consistente referente ao fenômeno estudado (PORTELLI, 1998, p. 121).

Há outras críticas que envolvem a utilização da fonte oral. Críticas quanto à confiabilidade da fonte, pois muitos dizem que os depoimentos orais são fontes subjetivas, relativas à memória individual, às vezes falível ou fantasiosa. Em relação a essa crítica, o argumento de Paul Thompson reforça que nenhuma fonte está livre da subjetividade, seja ela escrita, oral ou visual. Todas podem ser insuficientes, ambíguas ou até mesmo passíveis de manipulação. Apesar da subjetividade a que a fonte oral está sujeita, em seu livro *A voz do passado*, Thompson defendeu o uso da metodologia da história oral, ao afirmar que “a evidência oral pode conseguir algo mais penetrante e mais fundamental para a história, [...] transformando os objetos de estudo em sujeitos” (THOMPSON, 1992, p. 136).

É interessante observar que no processo de transformação dos objetos estudados historicamente em sujeitos, é preciso haver cuidado na entrevista e transcrição, de forma a constituir precisão no relato oral. De forma análoga, deve tecer no decorrer da pesquisa um paralelo e um diálogo entre a documentação escrita já existente e a fonte oral. O importante é que o historiador perceba o que a testemunha quer expressar e quais seus motivos para o que relatou.

Outro problema no emprego da metodologia da história oral é o ponto levantado por Verena Alberti: ele é dispendioso. “Preparar uma entrevista, contatar o entrevistado, gravar o depoimento, transcrevê-lo, revisá-lo e analisá-lo leva tempo e requer recursos financeiros. E um projeto de história oral pressupõe realização de várias entrevistas, o tempo e os recursos necessários são bastante expressivos” (ALBERTI, 2011, p.165).

Por conseguinte, segundo o historiador francês Philippe Joutard, no decorrer da evolução da história oral pode se verificar duas tendências ou dois tipos de abordagem. Existe uma história oral política na qual a entrevista serve de complemento a documentos escritos já coligidos e o foco da pesquisa se dá em torno de atores principais e “fatos notáveis”. A outra, que interessa ao presente estudo, é a história oral antropológica voltada para temas que se acham presentes nas diversas experiências nacionais. Os autores dessa vertente abordam os

assuntos como o mundo do trabalho, os fenômenos migratórios, a problemática dos gêneros, a construção das identidades (JOUTARD, 1998, pp. 44-45).

Segundo esse historiador a maioria dos trabalhos de História oral tem um predomínio da segunda tendência, que conferiu a História oral toda a sua dimensão e sua riqueza metodológica. Este historiador francês constata que a História oral antropológica inclusive influenciou de vários modos a primeira tendência, fazendo com que a história política não mais se contentasse em interrogar os atores principais, passando a interessar-se pelos executantes ou mesmo as testemunhas. A história política não é mais unicamente uma história da elite (JOUTARD, 1998, p. 46).

História oral e o estudo de migração

Os fenômenos migratórios é um tema recorrente na pesquisa de historiografia oral. Pode se dizer que a produção brasileira em imigração utiliza com frequência o recurso das entrevistas. Elas são recursos bastante comuns nos trabalhos que versam sobre imigrantes pós década de 80. Nos estudos sobre as migrações para o Brasil, antes de 1980, o seu uso não era tão intenso, provavelmente porque a reconstrução historiográfica muitas vezes não pôde encontrar os imigrantes mais antigos, pois a maioria não se encontrava vivos. Outro motivo é a própria popularização do uso da história oral na academia brasileira. Surge a partir do início dos anos 80, de modo que a produção anterior a esse período tendia a privilegiar outras fontes (MAGALHÃES; SANTIAGO, 2015).

Quando se estuda a imigração, é preciso levar em consideração três possibilidades: 1) as imigrações mais antigas, cujos exemplos são as imigrações por levas, concentradas no século XIX e primeira metade do século XX; 2) as imigrações contemporâneas; e 3) aquela que, no sentido restrito do termo, não constitui imigração, pois se relaciona aos descendentes de imigrantes, muitas vezes de gerações distanciadas dos antepassados da primeira geração.

Quanto ao contexto histórico e fontes de pesquisa há diferença entre essas três alternativas. Para ampliar seu alcance no tempo, operando como estudo de “tradição oral”, a história oral depende de grupos familiares com estratégias memoriais nem sempre localizadas pelo historiador. O mais frequente é a pesquisa sobre acontecimentos vivenciados pelos entrevistados, ou seja, a história oral tem sido empregada principalmente para estudar os novos imigrantes e os descendentes. Há uma necessidade de se fazer distinção entre esses e os imigrantes mais antigos, pesquisados com fontes documentais, seriais ou não (WEBER, 2013).

Os estudos migratórios comportam uma variedade de fontes e registros, tais como os

trabalhos etnográficos ou as estatísticas produzidas por órgãos oficiais, muito empregada nesses estudos. Mas recorrer aos relatos orais tem suas vantagens em relação a outras fontes. Uma vez que ela favorece a captação das dinâmicas da construção e da interação identitárias; desvela a “vida social” das histórias e o cotidiano da experiência migrante; propicia a compreensão das razões subjetivas do trânsito entre espaços e permite a produção de informações sobre fenômenos que, quando muito recentes, não geram registros de outra natureza.

Nesse caminho, o sociólogo Michael Pollak considera que a memória, como fato coletivo, reforça “sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações, etc” (POLLAK, 1989, p. 9). A utilização da memória como recurso para contar história faz-se necessária para a sobrevivência do grupo e para seu avanço, embora seja também instrumento de poder e de dominação da tradição. A memória construída sofre influência do grupo a que pertence e ao rememorar, dificilmente a pessoa separa suas experiências de seu meio social.

A realização da entrevista com o imigrante pode ser instigante para o pesquisador, imaginando que o indivíduo possa responder as questões levantadas. Ou, pelo contrário, abrir para maiores questionamentos. Por meio da entrevista é possível descobrir os motivos que levaram o indivíduo a migrar, o que trouxe consigo, como foi o período de adaptação, os meios de sociabilidade no novo território, os laços de parentesco, o contato com os parentes que ficaram na terra natal, entre outros.

Fonte oral sobre a Imigração japonesa

Segundo o estudo de Magalhães e Santhiago, há duas tendências de uso de fonte oral nos estudos migratórios: no primeiro caso, elas estão atreladas a métodos e técnicas assumidamente de história oral e vinculadas a procedimentos metodológicos específicos, definidos por autores da área (a exemplo dos manuais de história oral de Alberti, ou de Meihy ou de Queiroz). Em uma segunda tendência, elas têm sido usadas como técnica, mas sem estarem associadas claramente às perspectivas da história oral ou a outras discussões metodológicas em profundidade. A elas são atribuídos nomes de técnicas menos comuns à história oral, como, por exemplo, a “entrevista semiestruturada” ou a “entrevista em grupo”.

No caso da imigração japonesa, a atuação relevante de pesquisadores da história oral pode ser entendida como uma das evidências de que esse é um tema recorrente no universo da oralidade. Os trabalhos de Ismênia Lima Martins e de Zeila Demartini, profissionais pioneiras na utilização e na divulgação dos métodos biográficos, são exemplos disso. Em ambos

os casos (como nos demais) as pesquisas demonstram conexão com preceitos metodológicos institucionais ou com práticas consolidadas em trabalhos anteriores.

Zeila Demartini fez um estudo sobre a imigração japonesa utilizando o método da história oral e advertiu que é preciso levantar a especificidade desse grupo, um trabalho que pode representar desafios aos pesquisadores. A pesquisadora adverte da necessidade de enfrentar algumas dificuldades na realização das entrevistas diferentes das enfrentadas pelos outros estudos como os grupos. Assim, é possível perceber diferentes tipos de resistências à concessão da própria entrevista. Por ter passado por dificuldades, lembrar o passado pode implicar para muitos deles, em trazer para o presente, difíceis momentos vividos, criando consciente (ou inconscientemente) resistência à realização das entrevistas. Uma das estratégias que Demartini utilizou, e que efetivamente pôde quebrar a “desconfiança” e conseguiu estabelecer as conversas, foi a apresentação às pessoas dos trabalhos elaborados e a história das instituições de pesquisa envolvidas, mostrando que o trabalho era confiável, isto é, que não havia risco em falar (DEMARTINI, 2004, p. 150).

Nesse caso, o relato oral é coletado em um processo de interação entrevistado/entrevistador em que este se coloca em posição de escuta atenta, cuidadosa, paciente, de modo a estabelecer a cumplicidade necessária para que o entrevistado se coloque em situação de querer falar. O pesquisador precisa aprender a escutar para poder encontrar o momento certo de colocar as questões que lhe interessa investigar.

Outros elementos também podem ser sentidos. Embora residindo no Brasil há muitos anos ou aqui tendo nascido, os imigrantes têm a cultura japonesa muito presente, manifestando-se fortemente neste processo de entrevista: os japoneses, como fruto de um traço de sua cultura de origem, com algumas exceções, não gostam de falar sobre suas próprias vidas, sobre seus projetos, suas frustrações, suas ideias; cabe aos outros perceberem seus problemas e ajudá-los, mesmo quando as situações são as mais difíceis. “Demandar deles, especialmente dos mais velhos, que se “abram”, falando de suas vidas, é trabalho difícil, pois implica, para eles, num reposicionamento com relação à sua maneira de ser e pensar ou re-pensar sobre si e seu grupo” (DEMARTINI, 2004, p.150).

Outro aspecto também frequente entre os japoneses, e usado por muitos deles como “desculpa” para não serem entrevistados, era a alegação de que não sabiam falar o português direito; este ponto aparece também durante as entrevistas, manifestando-se muitos deles envergonhados pela maneira como falavam. Nesse processo de construção das histórias de vida entre entrevistados/entrevistadores não pertencentes às mesmas etnias, é possível verificar que houve dificuldades.

Alguns pesquisadores, muitas vezes por não vivenciarem os códigos culturais de cada grupo, não têm medo de tocar nos espaços e temas tabus, conflitos, privacidade. Enquanto pesquisadores, desde que aceitos pelo grupo, podem conseguir bons resultados porque se apresentam como mais curiosos e com menor autocensura ao formular questões, apresentando ângulos novos para discutir velhas questões. Desta forma, é permitido a eles também acrescentar novas variáveis para a história do grupo, história que só o olhar comum não tinha conseguido dar conta muitas vezes.

Para refletir sobre estas questões é necessário também levar em conta as transformações ocorridas com relação ao Japão, no contexto internacional, e com o Brasil, implicando em mudanças significativas nas vivências das famílias entrevistadas ao longo do século, evidenciando diferentes trajetórias familiares e diferentes estratégias desenvolvidas, isto é, reorientações de seus projetos e práticas no complexo campo de possibilidades.

Uma das coisas interessantes das pesquisas da história oral sobre imigrantes japoneses são as conclusões que parecem indicar uma aproximação ao realismo da diversidade social. Elas permitem ampliar a visão inicial de uma colônia japonesa homogênea contrapondo com os dilemas e conflitos do grupo, que levam muitas vezes à sua extrema fragmentação, desconstruindo a imagem padronizadora sobre o imigrante japonês. Tais relatos evidenciam não só a maneira como vivenciaram os acontecimentos que atingiram o grupo, mas também como cada um estava inserido no contexto e as relações já estabelecidas com a sociedade local.

Considerações finais

Phillipe Joutard escreveu que “as migrações modernas dificilmente poderiam ser estudadas hoje em dia sem os relatos de primeira mão dos migrantes” (JOUTARD, 1998, p. 46). Um apelo fundamental e permanente dos profissionais que trabalham com a história oral da migração tem sido que a própria história do migrante seja registrada ou bem documentada, e que a evidência oral proporcione um registro essencial da história oculta da migração.

Os profissionais que trabalham com história oral têm “esculpido uma teoria a partir de histórias e experiências pessoais complexas” (THOMSON, 2002, p. 345), desafiando teorias monocausais, lineares e econômicas, e reformulando as maneiras pelas quais a migração é entendida.

Por exemplo, as narrativas dos migrantes evocam os “imaginários culturais” sobre os futuros locais de destino e explicam como estes imaginários são produzidos, disseminados,

recebidos e usados. Os judeus etíopes que sofreram um difícil processo de migração para Israel foram motivados e sustentados por uma tradição oral que preservava sua identidade judaica e um “mito do retorno”.

Com base em tudo que foi exposto sobre a abordagem da história oral e a sua utilidade no entendimento dos processos migratórios, está longe de chegar a uma conclusão fechada sobre esta temática. Contudo cabe mostrar a relevância desta metodologia em estudos multidisciplinares, pois a história oral proporciona acesso a vários temas e objetos de estudos, assim como pode se utilizar de outras fontes documentais, imagéticas, que dão sustentação às pesquisas de imigração.

Em especial nos estudos migratórios, a história oral proporciona ao pesquisador um contato direto com a fonte: “o narrador”, que de seu modo busca contar a sua trajetória, abarcadas de histórias, memórias e representações. Lembrando dos cuidados que se deve ter quando se trabalha com a memória, seja ela individual ou coletiva, mas quase sempre selecionada, ou seja, o narrador só irá contar o que acha que é interessante. As experiências e práticas decorrentes da migração vão se desenrolar nas trajetórias de vida narradas, na reconstrução das representações simbólicas ligadas ao local de origem e percebidas nas falas.

Neste sentido, o breve texto procurou chamar a atenção de alguns pontos que envolvem questões teóricas e metodológicas da história oral e sua utilidade para estudos migratórios. Uma última consideração seria que a História tem como principal característica a “imortalidade do orador”, pois o historiador é quem tem espaço livre para narrar o passado.

O estudo da história oral deve ser considerado entre os cientistas sociais exemplo de quanto podem ser valiosas para as ciências sociais - as técnicas de entrevista oral dos japoneses podem ser, às vezes, reveladores de fatos, extremos do realismo, difíceis de obterem por meio de documentos. Assim, concorda-se com a professora Vereda Alberti e seus colaboradores em relação aos documentos dessa natureza. Eles não devem constituir objeto de um método único de análise, mas coligidos com outras análises, adquirindo a plenitude de valor científico.

Referências bibliográficas

ALBERTI, V. História dentro da História. In: **Fontes históricas**: Carla Bassanezi Pinsky, (Org.). 3ªed. São Paulo: Contexto, 2011.

_____. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.

DEMARTINE, Dossiê Questões Metodológicas. Revista **História Oral**, vol.7, Associação Brasileira de História Oral, 2014.

JOUTARD, Philippe. História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Org.). **Usos e abusos da História oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

MAGALHÃES, V. B.; SANTHIAGO, R. Japoneses, brasileiros e judeus: a História oral nos estudos de imigração no Brasil. **Tempos Históricos** • Volume 19 • 1º Semestre de 2015.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. v. 2, n. 3, p. 3-15, Rio de Janeiro, 1989.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luta e senso comum. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Org.). **Usos e abusos da História oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

THOMSON, Alistair. Histórias (co) movedoras: História oral e estudos de migração. **Brasil e História**. São Paulo, v. 22, n. 44, 2002.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

WEBER, Regina. Estudos sobre imigrantes e fontes orais: identidade e diversidade. **História oral**. Associação Brasileira de História oral. v. 16, n. 1, 2013.

Recebido em 26 março de 2019.

Aprovado em 30 de março de 2019.